

Sociedade dos Amigos da Língua Tupi

S. A. SANDERS

Está em vias de se organizar, nesta cidade, a Sociedade de Amigos da Língua Tupi, órgão que vem à finalidade de fortalecer e ampliar o culto de nossa grandiosa tradição indianista.

A iniciativa, como, aliás, não podia deixar de sê-lo, tem a subscrição do eminente filólogo e folclorista patricio, dr. Faris Antonio S. Michael, consagrado autor de diversas obras de fôlego no setor da Ciência, Filosofia, Filologia etc., das quais a última é o "Manual de Conversação da Língua Tupi", de recente publicação.

A idéia, pois, traz a mais sólida garantia moral e pressa-a de mais alviçareiro porvir.

De momento, muita gente vai supôr que se trata de um simples movimento piegas de literatismo, cifrado na tentativa de reabilitar o lirismo indianista que abotoou sob o hábito genial da frauta de Gonçalves Dias e dansou ao rufo dos tambores de "Iracema" e de "O Guarani" do magnífico Alencar.

Nada disso!

Agora é um movimento de cultura dirigido no sentido do "homem da terra". Ninguém desconhece que foi este o elemento básico em que se assentou a nacionalidade. A prova disso vamos encontrar em renomes de inatacável probidade e indiscutível saber, entre os grandes luminares da Literatura, Ciência e Sociologia brasileiras. Haja vista, de princípio, sobre o que nos vem do prefácio da gramática do dr. Faris (Manual de Conversação da Língua Tupi):

"Tão notável é a contribuição do tupi à terminologia científica, que, segundo o dr. Moisés Bertoni, sábio e estudioso da língua tupi-guarani, não pôde Linneo, certa vez, ao classificar o reino vegetal, esconder a sua admiração, diante da riqueza da nomenclatura dessa origem.

Na verdade — prossegue o insigne mestre — na verdade, depois da latina, é a que figura hoje com 40% na classificação científica do reino vegetal e, com forte contingente também, no animal". E vêm-nos de lá exemplos de agradável sabor científico, interessantes mesmo, até para os apenas curiosos: **Capivara** ou hydrocoerus capybara; **tupir** ou tapyrus americanus; **mandioca** ou manihot utilíssima...". E assim por diante. Senão, é a palavra autorizada desse auto-didata princesino, cuja palavra é sempre bem recebida

— Ribas Silveira: (falando da obra do Dr. Faris) "trata-se de profunda investigação filológica, talvez única no gênero em nosso País, que apresenta um esforço verdadeiramente beneditino em prol da sobrevivência da língua brasileira...". E continua: "... não se trata de ressuscitar uma língua morta, que para nós merece o mesmo carinho que o idioma de Horácio e Virgílio, mas de rejuvenecer um dialeto tradicional, que está definhando juntamente com o seu povo, outrora tão numeroso. Sim, calcula-se que no segundo quartel do século XVI, o Brasil contava com dois milhões de selvícolas; e atualmente, os indígenas existentes em todo o País orçam em duzentas mil almas. Todavia, calcula-se que há mais de meio milhão de indivíduos, em nossa pátria, que se utilizam do nheengatú, que é um ramo

da língua tupi, falada por mais de três milhões de criaturas, na América do Sul.

Conclue Ribas Silveira:

"Existem mais de 10 milhões de brasileiros de origem ameríndia, e, lamentavelmente, no Sul do País, com exceção do território de Ponta Porã, é completamente desconhecido o idioma dos primeiros índios, ao passo que se estudam assiduamente as línguas eropéias..."

Em o número 3 do "Tapejara", à página 5, vamos encontrar, subordinado ao título: "Brasileiros ilustres de sangue indígena", um momentoso artigo de nosso brilhante confrade Ciro Ehke, do qual extraímos, em síntese, o vasto rol dos caboclos que se ilustraram nos mais variados departamentos da vida nacional: Euclides da Cunha, Coelho Neto, José Veríssimo, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, Augusto dos Anjos, Erico Veríssimo, Floriano, Rondon, Quintino Bocaiuva, Benjamin Constant, Feijó, Pereira Passos, Campos Sales, Cardeal Arco Verde, Pedro Américo, Carlos Gomes, Beviláquia e mais uma centena deles.

Além do que, prestar culto à grande raça natural que aqui veio encontrar o invasor branco, de cujo caldeamento surgiu a raça histórica em preparo, não é mais do que uma medida de justiça, senão de gratidão. Se não fosse essa contribuição, sem dúvida não estaríamos ostentando, hoje, as proeminentes florações que pontificam em nosso caráter, e que fazem de nós um povo forte, que, nas mais diversas conjunturas, tem dado mostra desse valor.

Senão, vejamos, à pag. 12 do "Tapejara", n.º 2, o que nos oferece o verbo eloquente de Anyone Costa, eminente arqueólogo patricio:

"Para estabelecermos uma civilização brasileira, teremos que formar o nosso espírito dentro, aproveitando os elementos do índio.

E não foram poucos, nem tão insignificantes, estes elementos, como se possa supor. Do índio nos veio a altivez, a delicadeza no trato, certa ironia que dispensamos às pessoas, a meiguice para os animais, a acuidade para tôdas as coisas. Veio-nos, também, a força no sofrimento, a ternura contemplativa pela terra, o apêgo excessivo às crianças, a sensibilidade com que envolvemos em nossa simpatia o mundo que nos cerca. Dêle ainda recebemos excelentes preceitos morais e o exemplo que nos soube dar da limitação do amor à gente de sua condição. As crônicas, por exemplo, não registram casos de paixão e de escândalo entre moça branca e o índio, enquanto a História apresenta-se cheia de episódios ocorridos entre a Sinhá-Moça e o negro." E não foi só isso: a bravura fria e conciente foi um traço característico no índio brasileiro. Preferiu o refúgio das grandes florestas, as perseguições sem tréguas dos predadores de índios, a palavra dócil dos catequizadores que lhe não podiam dar senão isso e um pouco de confiança no futuro, a sujeitar-se ao jugo do branco feroz e libidinoso, egoísta e interesseiro. Outro exemplo inequívoco dessa fortaleza moral vamos encontrar nos adeptos de Conselheiro. "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a his-

tória, resistiu até o exgotamento completo. Expugnado, palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu o dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança..." Foi assim que eu quis finalizar o meu artigo: deixando a última palavra ao maior vulto caboclo da Literatura — Euclides!